

## DIFERENÇAS DE GÊNERO NA PRÁTICA DAS ATIVIDADES DE LAZER NO TURISMO EM ESPAÇO RURAL (TER) NA SUB-REGIÃO DO MINHO LIMA, PORTUGAL<sup>1</sup>

Helane Fernandes Pimenta<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta investigação propôs-se analisar as diferenças de gênero na procura e no usufruto turístico no espaço rural face à oferta existente. Trata-se de um estudo de caso e a amostra da pesquisa abrangeu trinta e nove alojamentos de turismo rural, localizados nas aldeias de Branda da Avelreira, Cabação, Castro Laboreiro, Germil, Lindoso, Sistelo e Soajo. Estas se encontram inseridas na sub-região do Minho Lima, Portugal, e pertencem aos concelhos de Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arco de Valdevez e Melgaço, sendo comercializadas pela Central Nacional de Turismo no Espaço Rural – CENTER, com sede em Ponte de Lima. A metodologia utilizada constituiu na revisão da literatura (ao longo do processo) e num estudo empírico. Nesse sentido, foi delineado um processo de operacionalização dos conceitos para elaboração dos inquéritos por questionários. O tratamento da informação recolhida constituiu na utilização de procedimentos estatísticos descritivos. Os resultados mostraram que a oferta turística no espaço rural ainda é emergente, seja no que diz respeito aos profissionais (ainda) pouco qualificados, seja na diversificação da própria oferta. No entanto, no que se refere a prática das atividades pelos turistas, percebeu-se que há uma tendência cada vez maior para a prática de todas as atividades oferecidas tanto por homens quanto por mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** DIFERENÇAS DE GÊNERO. TURISMO RURAL. PROCURA TURÍSTICA. OFERTA TURÍSTICA.

<sup>1</sup> Artigo resultado da dissertação de mestrado da autora, intitulada "Diferenças de Género na Procura Turística em Espaço Rural", aprovada pelo Programa de Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro, Portugal, em 2012.

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, Universidade de Aveiro, Portugal. E-mail: helanepimenta@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

As diferenças de gênero na procura e no usufruto da oferta turística têm sido palco de múltiplos debates. Julga-se importante compreender como é que essas diferenças vêm se *comportando* ao longo do tempo e – por isso – influenciando os mais diversos aspectos sociais e culturais. Contextualizando essas dissemelhanças ao turismo em espaço rural, faz-se sentido perceber como são estabelecidas as relações e as diferenças de gênero no âmbito da procura do *Turismo no Espaço Rural* (TER), sobretudo, na prática das atividades de animação turística.

No campo de ação do presente estudo é importante analisar as questões de gênero associadas ao turismo, a partir das perspectivas mercadológica e sociológica. A primeira baseia-se em duas premissas: (a) perceber que para efeito de competitividade empresarial é crucial que a oferta turística seja relevante, diversificada e oferecida de forma profissional; (b) perceber que a oferta não deve naturalizar o gênero, garantindo maior qualidade e maior competitividade no mercado turístico. Por seu lado, a contribuição sociológica mostra que – apesar das questões de gênero serem amplamente debatidas e, considerando o seu enquadramento numa economia moderna, ainda são identificadas muitas assimetrias, inclusive no turismo. Isto pode significar que as desigualdades de gênero ainda são tendencialmente fortes, nestas se incluindo as atividades de lazer disponíveis no TER. Assim, a questão de partida desse trabalho pretendeu analisar até que ponto existem diferenças de gênero na procura turística na prática das atividades de animação turística em espaço rural.

Deste modo, o foco central deste trabalho está baseado nas diferenças de gênero na procura turística no espaço rural. Partindo do pressuposto de que a relação entre homens e mulheres segue padrões assimétricos provenientes de um contexto organizador de construção social e cultural (que se colocam historicamente), levantaram-se algumas hipóteses, nas quais se organizaram em três eixos principais. A primeira e a terceira hipóteses subdividem-se em duas partes secundárias que

sustentam as hipóteses principais. 1 - Embora a sociedade patriarcal, representada pela dominância masculina, ainda propicie a exclusão da mulher em muitos espaços e aspectos (mercado de trabalho, liberdade sexual, relações domésticas, políticas, profissionais): a) *A participação da mulher na atividade turística apresenta poucas barreiras de acesso, devido às condições de mercado que incluem pelo consumo.* b) *Consequentemente, as diferenças de gênero na procura do turismo em espaços rurais são minimizadas.* 2 - As atividades praticadas por homens e por mulheres em espaço rural apresentam diferenças em função da faixa etária. 3 - A oferta ainda está mais direcionada para atividades masculinas: a) *Mesmo assim, as mulheres incluem-se nessas atividades, seja por falta de alternativas que a oferta propõe, seja pela própria dinâmica do turismo que procura a inclusão de todos para o consumo.* b) *Homens e mulheres incluem-se cada vez mais no mesmo programa de atividade turística em espaço rural.*

A pesquisa empírica foi realizada entre os meses de junho e setembro de 2012, na sub-região do Minho Lima (Norte de Portugal), relevante pela influência do TER naquela área geográfica. Limitou-se a recolha de informação à Associação de Turismo de Habitação (TURIHAB) que - por sua vez - possui uma central de reservas onde comercializa casas de TER por todo país. Assim, como não era viável abrangê-las todas (por questões de tempo e de recursos financeiros), optou-se pelas casas das aldeias pertencentes à Associação de Turismo de Aldeia (ATA) comercializadas pela Central Nacional de Turismo no Espaço Rural (CENTER) com sede em Ponte de Lima e com *site* disponível para reservas online. Foram abrangidas 7 aldeias: Branda da Aveleira, Castro Laboreiro, Cabração, Germil, Lindoso, Sistelo e Soajo, inseridas na sub-região do Minho Lima, pertencentes aos concelhos de Ponte de Lima, de Ponte da Barca, de Arcos de Valdevez e de Melgaço. A figura abaixo apresenta a localização e a quantidade de casas que foram abrangidas em cada aldeia.



**Figura 1-** Mapa da região do Minho Lima e identificação das aldeias e a quantidade de alojamentos.

**Fonte:** Elaboração própria, adaptação do mapa da região do Minho-Lima, Ministério da Agricultura Mar, Ambiente e ordenamento do Território Direção Regional de Agricultura e Pesca do Norte (2008-2012).

A opção pela aplicação do inquérito por questionário levou em conta a possibilidade de recolher informações de um elevado número de respondentes e - relativamente a outros métodos - permitir maior rapidez no acesso às representações das pessoas inquiridas. Todavia, não foram descuradas as observações *in loco* e as informações veiculadas nas conversas informais com os proprietários das casas. O questionário destinado aos turistas estruturou-se em duas partes: (a) a primeira destinada aos dados sociodemográficos; (b) a segunda relacionada com as questões de gênero e a procura do TER (comportamentos relativamente às práticas das atividades face às diferenças de gênero e da percepção do turista face à oferta). O questionário destinado aos proprietários dos alojamentos (oferta) foi dividido em três partes: (a) a primeira direcionada à oferta (meios de hospedagem, classificação e características das

casas); (b) a segunda relativa às informações socioeconômicas; (c) a terceira relacionada com as diferenças de gênero e a oferta do TER (percepção da oferta face à procura).

Foram selecionadas, pelo método de conveniência, 39 casas de alojamento localizadas nas aldeias já mencionadas acima. Distribuíram-se pessoalmente 390 questionários (para serem aplicados aos turistas) aos proprietários das casas selecionadas para o estudo e, em cada uma delas, deixou-se um envelope com 10 exemplares em três idiomas (português, inglês e espanhol). Neste caso, a aplicação dos questionários aos turistas (procura) foi de administração indireta, ou seja, foram os proprietários das casas que lhes solicitavam o seu preenchimento. Dos 390 questionários iniciais, foram recolhidos apenas 70 questionários (taxa de retorno de 17,95%) e, desse total, somente 61 foram considerados para integrar a amostra (por falta de resposta na maioria das questões colocadas), o que corresponde a uma taxa de retorno efetiva de 15,64%.

Quanto à oferta, dos 23 proprietários e/ou responsáveis pelos alojamentos que fizeram parte da amostra, somente 13 responderam aos questionários (aplicação direta dos questionários). A taxa de retorno situou-se aproximadamente nos 60,87%.

O método de análise dos dados procedeu-se através da compilação da informação em uma base de dados em Excel. Posteriormente, procedeu-se à sua análise univariada (distribuição de frequências, medidas de localização, de tendência central e de dispersão). Relativamente às perguntas com possibilidades de respostas curtas, a análise de conteúdo permitiu codificar as expressões constantes nas respostas dos inquiridos, distribuindo-se depois as respectivas frequências em categorias.

## CONCEITO DE TURISMO EM ESPAÇO RURAL - TER

De forma concisa, pode-se entender o turismo em espaço rural como toda atividade turística realizada no campo. Face à dificuldade em encontrar registros que explanem um (possível) conceito sobre o *turismo no espaço rural*, nota-se que surgem definições para nichos específicos que - de certa forma - estão relacionadas com o meio

rural, como, por exemplo, *turismo de aventura, turismo ecológico e/ou turismo de natureza* (COSTA, 2006). Desta forma, qualquer tentativa de conceituação que enquadre todas as áreas se torna um exercício difícil. A falta de consenso na definição do próprio conceito de *turismo* reflete-se na clarificação da ideia de *turismo em espaço rural*.

Para Santos e Campos (2009), a definição do *turismo em espaço rural* tem se configurado de diferentes maneiras, subdivididas nas perspectivas agrícola e turística. A perspectiva agrícola compreende o espaço rural como oportunidade de dinamizá-lo e de melhorá-lo através dos produtos agrícolas disponíveis. Por seu lado, a perspectiva turística encara novas formas econômicas de utilização do espaço rural. Para os mesmos autores não é permissível criar modelos estereotipados, mas conduzir as discussões conceituais para auxiliar e para aprofundar o debate. Também Figueiredo (2003, p. 151) aponta que as dinâmicas no espaço rural se associam “à *redescoberta do espaço local como espaço multifuncional, no qual a agricultura já não pode ser entendida como a única atividade econômica*”.

Na perspectiva técnica, o turismo rural português é definido pelo Decreto-Lei nº 54/2002, em seu art. 1.º, que define o turismo rural como o “*conjunto de atividades e serviços de alojamento e animação a turistas em empreendimentos de natureza familiar realizados e prestados mediante remuneração em zonas rurais*” (2002, p. 2068). No que concerne à definição dos empreendimentos turísticos no TER, o Decreto-Lei nº 54/2002, art. 2º explicita que:

Consideram-se empreendimentos de turismo no espaço rural os estabelecimentos que se destinam a prestar serviços temporários de hospedagem e de animação a turistas, dispondo para o seu funcionamento de um adequado conjunto de instalações, estruturas, equipamentos e serviços complementares, tendo em vista a oferta de um produto turístico completo e diversificado no espaço rural (p. 2068).

Para este trabalho, juntamente com a perspectiva técnica, será considerada a concepção de TER segundo as perspectivas de Oxinalde (1994), Silva, Vilarinho e Dale (1998) e de Campanhola e Silva (2002). Para eles, o turismo rural é a prática de todas as atividades que estão inscritas nas diversas modalidades do turismo e que se complementam entre si. Sendo assim, encaram o turismo rural, o agroturismo, o turismo

ecológico, o turismo de aventura, o turismo de negócios, o turismo de saúde, o turismo cultural e o turismo desportivo como vertentes do TER.

## DISCUTINDO BREVEMENTE A CATEGORIA GÊNERO

A compreensão acerca das categorias *gênero* e *sexo* se apresenta muitas vezes distorcida. O sexo deve ser entendido a partir dos aspetos físicos e biológicos (macho/fêmea e/ou homem/mulher), remetendo para as diferenças corporais. Essas desigualdades anatômicas condicionam o indivíduo na sociedade, antes mesmo do seu nascimento. Entretanto, é necessário compreender como essas diferenças vêm influenciando – ao longo do tempo - os comportamentos, para além das questões biológicas, nos contextos social e cultural. Contextualizando essas dissemelhanças ao turismo em espaço rural, faz sentido perceber as relações e as diferenças de gênero no âmbito da procura do TER.

A definição de *gênero* emerge na tentativa de compreender essas diferenças que, por sua vez, não dizem apenas respeito aos aspectos físicos e biológicos. Louro (1997) e Braga (2007) mencionam que se trata de uma construção social inerente às diferenças anatômicas, não se podendo descurar os contextos cultural e histórico, onde as relações estabelecidas entre homens e mulheres tiveram (e têm) lugar.

Na sociedade é perceptível uma tendência em que cada *sexo* representa o seu papel enquanto gênero: se é homem, a sociedade indica onde deve se enquadrar; se é mulher, enquadra-se noutro contexto oposto ao do homem. É o que Grossi (2010) define como *papéis sexuais* e o que Braga (2007) sublinha na dimensão das *relações sociais* do feminino e do masculino.

Um estudo realizado no final da década de 70 pela antropóloga Mead (2009) - confrontando a perspectiva biológica -, mostrou o *peso* da cultura face à determinação dos papéis sexuais e dos comportamentos de homens e de mulheres. A investigadora comparou três povos da Nova Guiné, questionando os tradicionais conceitos sobre *masculino* e *feminino*, ou seja, indagando se as diferenças entre gêneros seriam meramente biológicas. O estudo revela que o comportamento masculino e feminino não

é inato, como sustenta a teoria biológica, sendo influenciado pela cultura e pela organização social de cada grupo.

Logo, remetendo-se ao contexto histórico, as diferenças de gênero sob a *perspectiva social e cultural* surgem num *tecido* de desigualdade, dado que o poder patriarcal historicamente se torna predominante. Perrot (2007, p.16) confirma que “*as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento*”. Para a autora, o confinamento doméstico também condicionou a visibilidade da mulher (destinada à casa, aos filhos e ao marido), ficando – como perpetua a poesia - no *silêncio do mar abissal*. Por outro lado, o papel masculino voltava-se mais para a esfera pública, onde trabalhava e onde socializava.

A teoria dos *papéis sociais de gênero* sustenta que as diferenças entre o sexo masculino e sexo feminino não reproduzem apenas diferenças de estatuto e de poder, constituindo o resultado histórico da divisão do trabalho entre mulheres domésticas e homens trabalhadores assalariados (EAGLY, 1987).

Os *papéis sociais de gênero* também são sustentados e fortalecidos pela família e pela escola, sugerindo uma ideia de *naturalização* de ações e de “obrigações”. Assim, o conjunto sociocultural pode influenciar diretamente o comportamento e as escolhas masculinas e femininas. O *estereótipo social* atribui atividades diferenciadas para cada gênero (por exemplo, brincar com bonecas é *coisa* de meninas, jogar futebol é para os meninos, os meninos não usam cor-de-rosa, os homens andam a cavalo e as mulheres passeiam a pé). Nesse sentido, a escola e a família representam uma ligação entre as esferas pública e privada, detendo (parte) do poder de acentuar (ou não) essas diferenças desde a infância, onde o seu papel é – sobretudo - de diferenciar tais comportamentos. Desde cedo os meninos são privilegiados e/ou tratados de maneira diferente das meninas (por exemplo, têm liberdade - e autorização - para terem relações sexuais desde muito cedo, pois é uma *necessidade básica masculina*; já as meninas, mesmo nos tempos atuais, não têm essa permissão). Ora, numa perspectiva equitativa (do gênero), se é certo e/ou errado para um, deveria existir a mesma postura perante o outro.

O modo de socialização pode ajustar o comportamento das pessoas para que correspondam às expectativas que a sociedade tem sobre os *papéis de gênero*; por outro lado, as expectativas - articuladas aos papéis que os homens e as mulheres desempenham - obriga-os a adotar comportamentos estereotipados (EAGLY, 1987). Nesse sentido, a postura que ambos os gêneros assumem, relaciona-se com as representações e as construções históricas, ainda que alteráveis e relacionais (TAQUETTE, VILHENA & PAULA, 2004). Assim, a divisão do trabalho, a escolarização e a participação política são componentes dessas assimetrias.

Poeschl, Múrias e Costa (2004) procuraram perceber o que é que as pessoas pensam sobre as diferenças de gênero e concluíram que essas entendem que as diferenças de gênero são *naturalizadas*, mas - no que se refere a outras questões (por exemplo, organização familiar, trabalho parental, posição profissional e política) - as pessoas entendem que essas diferenças são uma herança histórica e cultural. Assim, nota-se que as diferenças de gênero são explicadas pelos papéis impostos pela sociedade à própria sociedade, ditando comportamentos como sendo os mais adequados e/ou específicos para cada gênero. Deaux e Eagly, citados por Amâncio (1992), consideram que os fatores determinantes nas diferenças de gênero não são somente biológicos, mas sim integrando as aprendizagens culturais de um conjunto social. Essas podem condicionar não só as atividades quotidianas, mas - de igual forma - as atividades não comuns (por exemplo, a escolha de um destino turístico, as atividades realizadas durante a viagem entre outros fatores).

Logo, a desigualdade entre o gênero masculino e feminino é perceptível em todas as áreas, pelo que no turismo não é dissemelhante. Entretanto, nota-se na sociedade atual a crescente inserção da mulher na política, na educação e na economia, o que - de certa forma - minimiza as limitações dos espaços públicos confinados aos homens e os espaços privados mais orientados para mulheres. Contudo, Rosaldo (1974) salienta que mesmo nas sociedades consideradas mais igualitárias, os homens têm uma *autoridade* sobre as mulheres e um direito *culturalmente legitimado*, onde esta é *vista* como *subordinada*.

## DIFERENÇAS DE GÊNERO NO ÂMBITO DA PROCURA TURÍSTICA

Apesar de a literatura ser profícua em estudos voltados para a temática da procura turística, esta se revela escassa relativamente às diferenças de gênero na procura do TER, o que dificulta a compreensão dessa dinâmica no espaço rural. Entretanto, nesse tópico tomam-se por base os estudos da procura turística em geral.

Cada indivíduo tem motivações, desejos e atitudes diferentes, mesmo sendo do mesmo gênero. Sendo assim, não se pode afirmar que o perfil da procura turística (em função do gênero) seja homogêneo, mas antes uma tendência perpassada em estudos específicos. Estes itens foram estudados por Collins e Tisdell, (2002) e Kelly e Hartlyn (2006) que verificaram um aumento na participação da mulher no que diz respeito à escolha do destino turístico e ao tipo de viagem, quando outrora essa decisão cabia - majoritariamente - ao homem. Os autores explicam que essa tendência é consequência da maior participação ativa da mulher na sociedade.

Quanto à prática de atividades turísticas relacionadas com o gênero, Vieira, Villano e Tubino (2003) e Dutra, Senna e Ferreira (2008) reconheceram uma predominância do gênero masculino em caminhadas de *trekking* e de ecoturismo. Por seu lado, Mainiere (2008) identificou que as caminhadas ecológicas são as atividades prediletas de uma elevada percentagem de mulheres. Dutra *et al* (2008) acreditam que esses resultados podem ser reflexo das condições de acesso que a região oferece (o tipo de estrada, a distância entre os atrativos, as estruturas urbana e turística, etc.), podendo constituírem-se como condicionantes à visitação do público feminino. Mainiere (2008) considera ainda que a caminhada é uma atividade suportável e com poucos riscos, razões pelas quais são preferidas pela maioria das mulheres, remetendo ao discurso do *sexo frágil*.

A reflexão empreendida por Meng e Uysal (2008) deixou transparecer que - por seu lado - os homens procuravam atividades mais físicas, mais “radicais” e mais direcionadas para o desporto, enquanto que as mulheres dariam mais importância ao cenário onde decorrem as atividades recreativas (festivais, visitas a museus, visitas

históricas, pontos turísticos, caminhadas, compras). Ryan, Henley e Soutar (1998) ao analisarem os critérios que homens e mulheres utilizam para a escolha do destino e das próprias atividades praticadas, constataram que os homens preferem passar férias em casa e – quando saem do seu ambiente rotineiro – parecem ser bastante criteriosos na avaliação do destino, preferindo praticar atividades de aventura. Já no que diz respeito às mulheres, estas preferem passar férias num ambiente diferente do habitual, avaliando o destino com intensidade e consistência, prestando atenção a todos os pormenores e atribuindo relevo às compras de *souvenirs*. Assim, os autores concluíram que os critérios para a escolha do destino podem resultar em diferentes comportamentos dos turistas no destino.

Contudo, percebe-se que as questões biológicas associadas as questões socioculturais não são determinantes nem condicionantes nas escolhas e práticas das atividades turísticas por homens e por mulheres. Pois, esses critérios de procura são bastante heterogêneos, dependem também de fatores envolventes, como por exemplo, condições educacionais, econômicas, etárias, físicas, culturais, etc.

### **DIFERENÇAS DE GÊNERO NA PRÁTICA DAS ATIVIDADES DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA NO T.E.R FACE A OFERTA**

No que se refere a oferta (proprietários dos alojamentos), do total de 13 respostas válidas, apenas 4 inquiridos responderam que *disponibilizam de atividades* de animação turística, sendo perceptível que 9 proprietários *não disponibilizam*. Ao nível das ofertas todas incluem percursos pedestres, estando as demais atividades representadas em menor frequência. Embora existam alguns proprietários que estabelecem parcerias com empresas de animação turística, verifica-se que há uma propensão para que as mesmas sejam realizadas pelos próprios. Nesse sentido, ao comparar os resultados com os veiculados pelo estudo do IESE (2008), constata-se uniformidade apenas na atividade *percurso pedestre*, igualmente a mais representada.

Apesar de ter sido mencionado pelos proprietários a existência de *disponibilidade de atividades turísticas*, verifica-se (tabela 1) que 8 dos respondentes consideram fundamental a *diversificação na oferta* do TER, embora 5 não partilhem essa opinião.

Na perspectiva dos inquiridos que responderam afirmativamente, percebe-se que os passeios guiados, os passeios a cavalo e o percurso pedestre de trilhos são as atividades que melhor respondem à procura. Ainda assim, justificam a necessidade de diversificar a oferta para melhor satisfazer os interesses dos turistas que – em alguns casos - reclamam face à escassez de atividades.

A promoção de atividades mais variadas na localidade é igualmente considerada como *mais-valia* para a região. Conforme Cruz (2007), o destino turístico não se constitui apenas pela oferta de alojamento e restauração, sendo fundamental complementar e combinar com múltiplos serviços de qualidade. Neste sentido, ressalta-se que a recreação no TER é importante para a competitividade do *produto*.

**Tabela 1 - Percepção dos proprietários sobre a necessidade de diversificação da oferta turística do TER.**

Necessidade de diversificação da oferta no TER	Frequência absoluta	%
	13	100,00%
<b>Sim</b>	<b>8</b>	<b>61,54%</b>
<b>Quais</b>		
Trilhos	3	37,50%
Passeio a Cavalo	3	37,50%
Passeio Bicicleta	2	25,00%
Restaurar Atrativos Históricos	1	12,50%
Desportos Radicais	1	12,50%
Passeios Guiados	3	37,50%
Rapel	1	12,50%
<b>Porquê</b>	<b>8</b>	<b>100,00%</b>
Aproveitar as montanhas existentes na localidade	1	12,50%
As atividades existentes não são realizadas na aldeia	1	12,50%
Aumentar a procura e a oferta	3	37,50%
Mais-valia para o lugar	1	12,50%
Os turistas reclamam porque não tem	2	25,00%
<b>Não</b>	<b>5</b>	<b>38,46%</b>
<b>Porquê</b>	<b>5</b>	<b>100,00%</b>
Convida os turistas à criatividade	1	20,00%
Os turistas querem sossego	4	80,00%
Igual/casais	13	100,00%

Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Os proprietários que declararam que *não há necessidade de diversificação da oferta na localidade* (tabela1) alegaram que os turistas procuram sossego e relacionam a não existência de atividades de animação turística à possibilidade destes usarem a criatividade. Esta visão deixa transparecer que o próprio espaço rural *per si* é suficiente, não sendo fundamental nada para além do que já há. Por outro lado, esta percepção pode ser uma forma de não apontarem os seus empreendimentos como *menos qualificados* por não disponibilizarem quaisquer atividades. Na realidade, nota-se que a oferta é – em certa medida - improvisada e precária, pelo que os proprietários minimizaram a situação, invocando razões que se prendem com o *idílico* do campo.

No que diz respeito *ao gênero dos turistas recebidos no ano anterior*, verifica-se que todos os inquiridos responderam que a procura dos alojamentos por homens e por mulheres é a mesma, sendo essencialmente casais que querem aproveitar a natureza e conhecerem a localidade. No entanto, há uma queixa generalizada de que a procura ainda é reduzida (menor ou igual a 50 turistas no ano anterior em cada casa), o que pode ter a ver com a oferta reduzida, seja em termos de alojamentos, seja na diversificação das atividades turísticas. Em algumas aldeias foi possível constatar que estão em más condições de acesso e/ou de utilização, como é o caso dos trilhos pedestres pouco sinalizados e mal cuidados. Por outro lado, a conjuntura econômica atual em que o país se encontra pode ter afetado a procura do TER.

Percebe-se que a oferta local do TER apresenta uma estruturação familiar e, nesse sentido, ressalta-se que as limitações encontradas (tais como econômicas e materiais) são determinadas pelo próprio modelo de organização dos negócios.

## PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PROPRIETÁRIOS

Na variável *gênero* percebe-se claramente que há uma predominância do sexo feminino. No que se refere ao *estado civil*, a maioria dos proprietários é casada e somente dois dos inquiridos são solteiros. Quanto à faixa etária, a que tem mais expressão integra pessoas com mais de 46 anos, perfazendo um total de 9 indivíduos. No caso dos proprietários solteiros, a sua faixa etária situa-se entre os 26 e os 35 anos e,

sendo filhos de antigos proprietários, encontram-se a prosseguir com o negócio (ou porque os pais já estão com idade avançada ou simplesmente por não terem encontrado alternativa de trabalho noutra local).

Quanto à variável *nível de ensino já concluído*, verifica-se que dos 13 inquiridos, 5 tem a escolaridade do 1.º ciclo do ensino básico. Em relação à *situação da profissão principal*, observa-se que o *trabalhador por conta própria* é predominante (8 inquiridos), isto é, não exercem – concomitantemente - outra profissão.

No que diz respeito ao *valor médio do rendimento líquido mensal do agregado familiar*, 9 dos proprietários inquiridos dizem auferir entre 500€ a 999€, incluindo os que trabalham somente no estabelecimento turístico.

Por seu lado, somente 4 dos respondentes têm *formação na área do turismo* ou relacionada (por exemplo, primeiros socorros e/ou marketing turístico). A percentagem residual de formação adequada leva a considerar que os recursos humanos são tecnicamente pouco qualificados para a área do turismo. Na mesma linha, Mesquita (2010) também identificou falta de formação técnica nas unidades de alojamentos do TER, na região vizinha de Trás-os-Montes.

No que concerne aos proprietários que *trabalham no empreendimento*, 8 acenam trabalhar sozinhos, sendo majoritariamente do sexo feminino. Dos 5 que trabalham com familiares, 4 fazem-no com o marido ou com a mulher. Relativamente ao *tempo de trabalho na área do turismo*, a maioria contabiliza mais de cinco anos de serviço.

Outro aspecto identificado na observação *in loco* e através de conversas informais com os inquiridos é o fato de alguns proprietários morarem noutras localidades e/ou noutros países, deixando as casas à responsabilidade de familiares que habitam há muito tempo na aldeia. A esses cabe a organização das casas (entre outros, limpeza e preparação do pequeno almoço) e a recepção dos turistas, embora sintam diversas dificuldades devido a idade avançada e/ou a pouca formação na área do turismo, aqui se incluindo o desconhecimento de idiomas que não o português. Apesar de demonstrarem atenção e afabilidade para com os turistas - e ainda que estes apreciem o contacto direto com as pessoas locais e os seus modos de vida – é fundamental pautar a ação e os serviços por critérios de qualidade, de informação pertinente e de formação para melhor

atender a procura. A propósito, Vareiro (2007) considera que ainda existe muito 'amadorismo' no turismo, o que se traduz em profissionais pouco qualificados nos setores público e privado no Minho Lima.

De igual modo, e almejando uma compreensão sistêmica da temática, parece impreterível oferecer atividades diversificadas de recreação e de lazer, capazes de enriquecer o produto (neste caso, o TER), tornando-o mais competitivo nos mercados. Relativamente às observações feitas nos discursos dos proprietários durante a administração direta dos questionários, nota-se que marido e mulher trabalham juntos e que o estabelecimento turístico é "a profissão principal". As tarefas de limpeza, de arrumação das casas e a preparação do café da manhã são obrigações das mulheres; quanto aos homens responsabilizam-se em receber os hóspedes, em fazer os passeios (caso haja esse tipo de oferta), em participar nas reuniões de associações e em gerir financeiramente o negócio. Essas mesmas distinções de tarefas atribuídas aos homens (maridos) e as mulheres são encontradas em Amorim e Barros (2006).

Outra reflexão decorrida no estudo empírico – também veiculada em Cánoves *et al.* (2004) - é que quando a profissão principal não se resume à atividade turística, cabe às mulheres a gestão do negócio, bem como todos os afazeres domésticos associados, ainda que possam contar com apoio dos cônjuges nas questões burocráticas e/ou financeiras. Portanto, nota-se que existe claramente uma divisão de trabalho associada ao gênero, uma vez que o trabalho doméstico é exercido pela mulher no empreendimento turístico.

## **PERCEPÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS SOBRE AS DIFERENÇAS DE GÊNERO NA PROCURA**

Dentre as *atividades oferecidas na localidade*, a maioria dos proprietários inquiridos (11) afirmou que a localidade oferece percursos pedestres, sendo a atividade referida com maior frequência, seguida pelos atrativos naturais e pelos espaços livres de lazer.

Identificou-se que a maioria dos inquiridos considera que as *atividades são praticadas tanto por homens, quanto por mulheres*. Relativamente às primeiras, somente uma pessoa referiu o paintball como atividade mais praticada pelos homens e outro inquirido respondeu que o artesanato era o mais *procurado pelas mulheres*. Visivelmente percebe-se que a opinião dos proprietários é consensual sobre a prática das atividades, de igual forma, tanto pelos turistas do sexo masculino quanto pelos turistas do sexo feminino.

Foi possível verificar ainda que 8 dos proprietários inquiridos parecem concordar que quando as *mulheres estão acompanhadas por homens praticam as mesmas atividades*. Ou seja, considerando que a média é 6 e o desvio padrão é de 1,472, entende-se que a resposta está mais direcionada para a qualificação *concordo completamente*. Contudo, quando as *mulheres viajam sozinhas*, nota-se que a maioria dos proprietários inquiridos *discorda completamente*, a média da escala corresponde a 3,08 e o desvio padrão é de 2,100, mas é notável que existem alguns inquiridos que nem concordam nem discordam dessa opinião.

Relativamente à variável *viajando acompanhadas pelo mesmo sexo praticam atividades diferentes daquelas que quando não estão acompanhados pelo sexo oposto*, verifica-se que as opiniões dos inquiridos encontram-se dispersas, havendo uma ligeira tendência para a *concordância* (a média é 4,08 e o desvio padrão é 2,362). De igual forma, na variável *homens viajando sozinhos praticam atividades diferentes*, constata-se uma sutil propensão para a *concordância* (a média da escala é de 4,31 e o desvio padrão de 2,136).

Segundo os proprietários, nunca houve nenhum relato por parte das mulheres que visitam o TER de que *algumas atividades estão direcionadas para o público masculino* e, da mesma forma, também elas não *procuram por atividades que não estão disponíveis na oferta*. Para alguns dos proprietários já não existem diferenças de gêneros, pois os homens e as mulheres procuram/praticam as mesmas atividades e, como os proprietários recebem mais casais, acrescentam que não faz sentido um sair para conhecer a aldeia e o outro ficar no alojamento. Assim, nota-se que – em certa medida - a oferta pode condicionar os turistas na escolha das mesmas coisas.

Nesse sentido, pode existir algum tipo de justificação por parte da oferta, ao se afirmar que os turistas *querem ou procuram as mesmas coisas*, assim, entende-se que como não existe diversificação de atividades turísticas nas aldeias, os proprietários podem ter dado essa opinião como forma de não penalizarem seus próprios negócios.

Embora se verifique (tabela 2) – através da percepção dos proprietários – que as atividades disponíveis (nas aldeias) sejam praticadas e/ou procuradas tanto por homens, como por mulheres (quando sozinhos), é notório que as primeiras podem ser enquadradas nas categorias consideradas mais radicais (4x4, BTT, escaladas, paintball e passeios de canoa).

**Tabela 2 - Atividades praticadas/procuradas por homens sozinhos e mulheres sozinhas**

Atividades	Homens Sozinhos		Mulheres Sozinhas		Total de Inquiridos 13	
	Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%
4x4	1	100,00%	0	0,00%	1	100,00%
Artesanato	0	0,00%	2	100,00%	2	100,00%
Atrativos naturais	4	80,00%	1	20,00%	5	100,00%
BTT	1	100,00%	0	0,00%	1	100,00%
Escaladas	1	100,00%	0	0,00%	1	100,00%
Espaços livres de lazer	0	0,00%	3	100,00%	3	100,00%
Eventos	0	0,00%	1	100,00%	1	100,00%
Feiras	0	0,00%	1	100,00%	1	100,00%
Gastronomia	0	0,00%	1	100,00%	1	100,00%
Monumentos históricos/culturais	0	0,00%	1	100,00%	1	100,00%
Paintball	1	100,00%	0	0,00%	1	100,00%
Passeio de canoa	2	100,00%	0	0,00%	2	100,00%
Percurso pedestre	5	45,45%	6	54,55%	11	100,00%

Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Vários estudos, por exemplo, Vieira, Villano e Tubino (2003) e Dutra, Senna e Ferreira (2008) – classificam-nas como atividades “mais masculinas”. Quanto às mulheres parecem procurar atividades “mais femininas” (artesanato, atrativos naturais, espaços livres de lazer, eventos, feiras, gastronomia, monumentos históricos/culturais e percursos pedestres). Nesse sentido, as afirmações dos proprietários acabam por denunciar a existência de assimetrias de gênero advindas das questões culturais, as quais também condicionam a oferta no TER.

## PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS TURISTAS (PROCURA)

No que diz respeito à análise da variável *gênero*, do total de 61 respondentes, a maioria dos turistas inquiridos é do sexo feminino (62,20%) e o sexo masculino representa 37,80%. Aproximadamente 41% dos turistas são solteiros e a *faixa etária* mais representada engloba pessoas entre os 26 e os 35 anos (42,62%). A faixa etária com menor expressão é a que integra indivíduos com mais de 65 anos (5%). Nesse sentido, pode aferir-se que é o público jovem e do gênero feminino que mais procura o TER.

Ao comparar as respostas dos proprietários e dos turistas, constata-se que existe uma discrepância: os proprietários afirmam que os turistas que se hospedam nas casas geralmente são de igual forma em relação ao sexo, pois são mais casais (homens e mulheres). Essa discrepância pode ser associada ao fato de que, da maioria dos casais, as mulheres responderam mais aos questionários, como pode também nesse período de pesquisa, a procura ter sido mais de mulheres.

Percebeu-se que 86,98% dos respondentes vivem em *zona urbana* e apenas 13,11% vive em *zona rural*. Quanto ao *país de residência* dos inquiridos, Portugal é representado por 75,41% de turistas e quanto aos turistas estrangeiros vêm de Espanha (9,84%), de França (6,56%), da Holanda (3,28%) e de Inglaterra, Finlândia e Alemanha (1,64%). Em termos globais, os turistas estrangeiros representam 25% da amostra, tendo em conta que – entre esses – Espanha é o país com maior percentagem de visitantes no TER. Leva-se em consideração que Espanha faz fronteira com a região do Minho (local da pesquisa). No que diz respeito aos turistas portugueses, residem majoritariamente nas zonas do Porto (36,96%) e de Lisboa (36,96%); os demais pertencem a outras localidades de Portugal.

No que diz respeito ao *nível de ensino já concluído* predomina o nível superior. Relativamente à *situação profissional atual* verifica-se que 86,89% estão empregados, 8,20% são reformados, 3,28% são desempregados e 1,64% são estudantes. O *rendimento líquido mensal do agregado familiar* mais representado é a escala entre 2000

e 3999€ (34,43%); em menor proporção, os que ganham até 400€ (3,28%) e os que auferem entre 4000 e 5999€ (9,84%).

De maneira geral, a maioria dos turistas que estão empregados possui nível de ensino superior e têm rendimento líquido mensal entre 2000 e os 3999€. Tendo em consideração a atual conjuntura econômica do país, o rendimento dos turistas encontra-se acima da média nacional (uma vez que o desemprego tem aumentado e os salários cada vez mais reduzidos, isto é, a realidade da maioria da população é apenas um salário mínimo, ou seja, 485 euros). Por outro lado, confrontando os seus rendimentos com os dos proprietários, nota-se uma diferença relevante.

Ao comparar as variáveis apresentadas anteriormente, são visíveis as semelhanças com os estudos de CUNHA (2006), SILVA (2007) e IESE (2008). Os autores afirmam que o perfil dos turistas de TER encontra-se majoritariamente na faixa etária entre os 25 e os 45 anos, sendo pessoas de origem urbana, com habilitações literárias de nível superior e com rendimentos acima da média. Porém, noutros estudos relativos à *faixa etária*, autores como Cavaco (1995) e Sharpley e Sharpley (1997) concluíram que os turistas que procuram o TER são mais idosos. Se se considerar as datas em que as pesquisas foram levadas a cabo, compreende-se que a procura do TER pelos jovens tem vindo a aumentar.

Conforme se pôde observar, a maioria *viaja com o cônjuge ou companheiro* (49,18%) e uma percentagem residual destaca *os que viajam sozinho* (3,28%), o que condiz com as respostas dos proprietários do TER.

Os resultados analisados sobre a *necessidade de diversificação na oferta das atividades turísticas no TER* indicam que para 54,10% dos turistas é necessário diversificar as atividades turísticas, com maior relevância para as visitas guiadas (36,36%) e - com menor destaque - os passeios a cavalo e as atividades aquáticas (6,06%). É interessante salientar que a maioria destes respondentes se encontrava em Germil e em Branda da Avelira, duas aldeias pouco desenvolvidas, com difíceis acessos e atividades turísticas praticamente inexistentes. Estes turistas têm idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos, procurando sobretudo o lazer, a natureza e o ambiente tranquilo.

Daqueles que responderam que *não há necessidade de diversificação na oferta* (45,90%), a maioria justifica que o espaço rural *per si* é suficiente (35,71%), bem como as atividades existentes (32,14%). Verifica-se também que estes turistas são pessoas que estão na faixa etária entre os 26 e os 35 anos, viajando em família e com amigos em férias ou em busca de um ambiente tranquilo. Em alguns casos, têm mesmo familiares na localidade, o que pode justificar esse sentimento de satisfação em relação à oferta. Por outro lado, ao apurar qual a aldeia em que os turistas responderam *negativamente acerca da necessidade de diversificação na oferta*, identificou-se que todos estavam em Lindoso. Nesse caso, estando a aldeia muito próxima das atividades realizadas no parque nacional da Peneda Gerês, ou seja, o parque é o maior atrativo natural da região, assim, os turistas podem procurar e praticar algumas dessas atividades e, por isso, justificarem não haver qualquer necessidade de diversificação da oferta na própria aldeia, dado que atendem àquilo que o meio envolvente oferece.

## DIFERENÇAS DE GÊNERO NA PRÁTICA DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS

No que se refere as *atividades que já praticou/procurou e as que gostaria de praticar/procurar*, verifica-se que do total de turistas inquiridos (N= 61) 68,85% praticaram percursos pedestres; visitaram monumentos históricos e culturais (57,38%) e atrativos naturais (52,46%) e ainda fizeram provas gastronômicas (44,26%).

Quanto às atividades que *gostaria de praticar/procurar* (tabela 3) observa-se que do total de inquiridos (N= 61), apenas 29,51% dos turistas gostariam de praticar e/ou procurar atividades com kayaks, canoas e bicicletas; workshops gastronômicos e de enoturismo (27,87%); SPA, tratamentos de bem-estar; river trekking; passeios a cavalo e canoa; mergulho e gastronomia.

Como se pode constatar, algumas atividades – ainda que não praticadas – parecem não despertar interesse aos turistas (por exemplo, TT, quadriciclo turístico, *hidrospeed* e golfe). Já outras atividades (tratamento de bem-estar, SPA, mergulho, canyoning, BTT, aulas de equitação e 4x4) - embora não praticadas -, suscitam interesse a muitos dos inquiridos.

**Tabela 3 - Atividades já praticadas e as que gostariam de ser praticadas pelos turistas**

Atividades	Já Praticou		Gostaria de Praticar		Total 61	
	Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%
4x4	1	1,64%	16	26,23%	17	27,87%
Aluguer de kayaks, canoas, bicicletas	16	26,23%	18	29,51%	34	55,74%
Artesanatos	16	26,23%	14	22,95%	30	49,18%
Arvorismo	5	8,20%	8	13,11%	13	21,31%
Atrativos naturais	32	52,46%	10	16,39%	42	68,85%
Aulas de equitação	3	4,92%	15	24,59%	18	29,51%
Aventura slide	4	6,56%	11	18,03%	15	24,59%
BTT	2	3,28%	13	21,31%	15	24,59%
Canoagem	7	11,48%	13	21,31%	20	32,79%
Canyoning	3	4,92%	12	19,67%	15	24,59%
Escaladas	7	11,48%	10	16,39%	17	27,87%
Espaços livres de lazer	17	27,87%	3	4,92%	20	32,79%
Eventos	12	19,67%	6	9,84%	18	29,51%
Feiras	17	27,87%	9	14,75%	26	42,62%
Gastronomia	27	44,26%	11	18,03%	38	62,30%
Golfe	1	1,64%	3	4,92%	4	6,56%
Hidrospeed	1	1,64%	3	4,92%	4	6,56%
Jogos tradicionais	4	6,56%	8	13,11%	12	19,67%
Karting	3	4,92%	4	6,56%	7	11,48%
Mergulho	1	1,64%	11	18,03%	12	19,67%
Monumentos Históricos/Culturais	35	57,38%	7	11,48%	42	68,85%
Paintball	4	6,56%	7	11,48%	11	18,03%
Passeio a cavalo	4	6,56%	15	24,59%	19	31,15%
Passeio de bicicleta	12	19,67%	10	16,39%	22	36,07%
Passeio de canoa	5	8,20%	11	18,03%	16	26,23%
Percurso pedestres	42	68,85%	2	3,28%	44	72,13%
Quadriciclo turístico	0	0,00%	3	4,92%	3	4,92%
Rapel	4	6,56%	7	11,48%	11	18,03%
Remo, Vela, Body board, Surf, Windsurf	6	9,84%	3	4,92%	9	14,75%
River Trekkin	1	1,64%	9	14,75%	10	16,39%
SPA	2	3,28%	18	29,51%	20	32,79%
Tiro com arco	2	3,28%	7	11,48%	9	14,75%
Tratamento de bem-estar	0	0,00%	15	24,59%	15	24,59%
TT	0	0,00%	5	8,20%	5	8,20%
Workshops gastronômicos e de enoturismo	3	4,92%	17	27,87%	20	32,79%

Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Ao comparar as atividades disponíveis nas aldeias com as praticadas/procuradas e as que gostariam ainda de praticar/procurar, percebe-se o interesse dos turistas pela prática de atividades durante a estadia no TER, o que contraria a opinião dos proprietários das casas, segundo os quais o sossego é o aspecto mais importante.

Observou-se também que, das atividades consideradas pelos turistas homens e mulheres inquiridos como *mais adequadas para homens*, as que reúnem maior consenso são o canyoning e BTT (16,39 %). No que diz respeito às atividades consideradas pelos turistas como *mais adequadas para mulheres*, as mais referidas são tratamentos de bem-estar (19,67%) e o artesanato (18,03%). Assim, é visível que as opções escolhidas vão de encontro ao que se considera *normal* para homens e para mulheres.

No que se refere as *características que impedem, facilitam ou são indiferentes ao acesso e prática das atividades turísticas no TER*, verifica-se que a expressão mais significativa é a *indiferença* no que diz respeito ao *preconceito* (medo do que as pessoas irão pensar ao praticar algumas atividades turística) e às *atividades consideradas pela sociedade como masculinas*. Desses respondentes, 77,05% é do gênero feminino com faixa etária entre os 15 e os 45 anos. Por seu lado, a faixa etária dos homens que responderam a esta questão está para além dos 46 anos, indicando que – numa sociedade ainda *machista* – as pessoas de idade mais avançada estão compreendendo as mudanças sociais e culturais. Quanto à *distância e localização*, a maioria considera ser *indiferente* ao acesso das atividades turísticas (49,18%). Ao verificar o local de residência dos inquiridos, a maioria é de nacionalidade portuguesa e residente nas regiões de Lisboa e no Norte do país, com faixa etária entre os 15 e os 45 anos, predominando o sexo feminino. Por outro lado, os que consideram que a distância e localização *facilitam* o acesso às atividades turísticas são pessoas que vivem na região Norte e em localidades que ficam mais próximas do destino turístico em que se encontravam durante a pesquisa. Quanto aos que consideram que a distância e localização *impedem* o acesso às atividades turísticas são sobretudo oriundos de outras regiões do país (Lisboa e Centro) e de outros países. No que respeita às *atividades*

*turísticas radicais*, a maioria dos turistas revela-se indiferente (55,74%); pertencem à faixa etária dos 15 aos 45 anos e as respostas são majoritariamente do gênero feminino.

Relativamente à opinião dos inquiridos sobre se as *atividades são iguais para homens e mulheres*, nota-se que a maioria responde que *facilita* o acesso à prática das atividades turísticas. Desses, a maioria está na faixa etária entre os 15 e os 45 anos e a frequência das respostas é mais relevante no gênero feminino. Nota-se a possibilidade de existirem algumas *barreiras (culturais) de acesso* relacionadas com as diferenças de gênero na procura, pois quando alguns inquiridos mencionam que o acesso às atividades turísticas é mais fácil se estas forem consideradas adequadas para ambos os gêneros, é porque – de certa maneira – sentem algum preconceito no que diz respeito à prática de determinadas atividades.

No que se refere as *atividades consideradas para jovens*, nota-se que as maiores frequências relativas às atividades são as que exigem maior esforço físico, pelo que são consideradas mais radicais (paintball, remo, vela, bodyboard, surf, windsurf, BTT, aventura slide e canoagem). Em relação às *atividades consideradas para adultos*, destacam-se as que requerem menor esforço físico, como tratamentos de bem-estar, workshops gastronômicos e de enoturismo e SPA's.

Ao identificar a faixa etária dos inquiridos que consideram as *atividades mais adequadas para jovens*, verifica-se que a maioria tem entre 15 e 35 anos, o mesmo se aplicando quanto às *atividades consideradas para adultos*. Constatam-se também que a maioria dos inquiridos com faixa etária entre os 45 e mais de 65 anos partilham essa opinião, pelo que faixa etária e gênero condicionam a prática das atividades turísticas.

Ao comparar a percepção dos turistas com a dos proprietários relativamente às atividades praticadas por homens e por mulheres, em termos gerais, notou-se que ambos apontam que as atividades são praticadas e adequadas para homens e mulheres quando estão sozinhos, acompanhados pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto. Percebe-se aqui que as barreiras de acesso (cultural e física) são minimizadas para as mulheres.

Ao verificar o sexo dos turistas respondentes às atividades mais adequadas para mulheres, observou-se que homens e mulheres identificam atividades semelhantes. No entanto, mais mulheres do que homens indicam atividades menos radicais como

adequadas para si. No que diz respeito ao gênero dos que responderam a variável das atividades mais adequadas para homens, observou-se a mesma tendência: homens e mulheres identificaram atividades semelhantes, sendo que as mulheres - em maior frequência - apontam atividades adequadas para os homens como sendo as mais radicais. Portanto, observou-se que as próprias mulheres ainda fazem diferença do que é mais indicado para homens e mais indicado para si. No entanto, em termos gerais, no que se refere a prática das atividades pelos turistas, percebeu-se que há uma tendência cada vez maior para a prática de todas as atividades oferecidas tanto por homens quanto por mulheres. Sendo assim, essas diferenças na prática das atividades vêm sendo minimizadas no TER, apesar do amadorismo na oferta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se no conjunto das informações recolhidas que - para algumas das atividades oferecidas nas aldeias - suas fragilidades devem-se a diversos fatores, nomeadamente atividades pouco diversificadas e pouco qualificadas. Os dados recolhidos apontam ainda que a oferta do TER apresenta características típicas de uma organização familiar, salientando-se limitações estruturais, de caráter econômico e de gênero, impostas pelo próprio modelo de organização e de exploração do negócio.

Face ao exposto poder-se-á afirmar que a oferta ainda é precária e pouco profissional, marcadamente *amadora*; por outro lado, no que se refere às diferenças de gênero, embora a procura seja indiferente aos serviços oferecidos, seja por homens, seja por mulheres, a oferta parece apresentar uma clara divisão sexual do trabalho, principalmente nos estabelecimentos geridos por pessoas que têm em comum laços familiares. No que atende às diferenças de gênero, percebeu-se que ainda há uma auto naturalização do gênero, principalmente por parte do público mais velho.

Relacionando a oferta turística com as diferenças de gênero, constatou-se não existirem - explicitamente - atividades classificadas para homens ou para mulheres. A maioria dos proprietários e dos turistas discordam desse tipo de direcionalidade e estão

convictos de que as atividades são praticadas por ambos os sexos - sozinhos, acompanhados pelo gênero oposto ou por pessoas do mesmo gênero.

No que se refere à prática das diversas atividades pelos turistas, percebeu-se que embora haja uma tendência cada vez maior para a sua prática quer por homens, quer por mulheres, as atividades consideradas mais adequadas para mulheres enquadram-se nas designadas “mais femininas” e, por isso, menos radicais; da mesma forma no que diz respeito aos homens, as atividades mais radicais são consideradas “mais masculinas”.

Embora a oferta não tenha apresentado explicitamente barreiras de acesso cultural às mulheres, no que diz respeito à procura, esses obstáculos foram identificados em alguns casos de homens e de mulheres que procuram o TER, sobretudo por estas últimas, pois as questões socioculturais, de certa forma, ainda persistem. Todavia, são pouco relevantes se comparadas ao percentual de homens e de mulheres que não apontam quaisquer tipos de entrave ao acesso feminino às atividades turísticas.

Portanto, embora se perceba que há uma tendência cada vez maior para a prática das atividades (tanto por homens, quanto por mulheres), ainda é visível um certo enquadramento baseado no gênero: as atividades consideradas para mulheres são “mais femininas” e menos radicais; as atividades para homens são “mais masculinas” e mais radicais. Mesmo assim, a inserção da mulher ocorre, seja pelas mãos do capital (que insere e nivela pelo consumo quem pode pagar pelos serviços), seja por fatores de resistência as dominações de gênero.

**GENDER DIFFERENCES IN PRACTICE OF LEISURE ACTIVITIES IN RURAL AREA TOURISM IN THE SUB-REGION OF MINHO LIMA, PORTUGAL**

**ABSTRACT**

This research was set out to examine gender differences in demand and in tourism enjoyment in rural areas compared to the existing supply. This is a case study and the survey sample covered thirty-nine rural tourism lodgings, located in the villages of Branda da Aveleira, Cabração, Castro Laboreiro, Germil, Lindoso, Sistelo and Soajo. These are inserted in the sub-region of Minho Lima, belonging to the municipalities of Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arco de Valdevez and Melgaço, being marketed by the Central Nacional de Turismo no Espaço Rural – CENTER, headquartered in Ponte de Lima. The methodology that was used consisted of the literature review (throughout the process) and an empirical study. Accordingly, a process was designed to operationalize the concepts for the preparation of surveys by questionnaires. The treatment of the gathered information was made by the means of descriptive statistical procedures. The results showed that tourism in rural areas is still emerging, either regarding the (yet) unskilled professionals, or the diversity of its own range. However, in what concerns the practice of activities by tourists, it was noticed that there is an increasing tendency of both men and women to practice all the activities offered by the rural tourism.

**KEYWORDS:** GENDER DIFFERENCES. RURAL TOURISM. TOURISM DEMAND. TOURISM SUPPLY.

**REFERÊNCIAS**

AMÂNCIO, L. (1992). As Assimetrias nas Representações de Género. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. (34), 9-22. Disponível em: sociologiapp.iscte.pt. Acedido em: 22 de maio de 2011.

AMORIM, C.; BARROS, V. (2006). **De Sinhás a Empreendedoras: estas são as mulheres do turismo rural em Pernambuco, Brasil**. Trabalho apresentado no VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, 20 a 24 de novembro, Quito, Equador. Disponível em: www.rmisp.org. Acedido em 15 de abril de 2012.

BRAGA, E. (2007). A questão do Género e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, E., ROSIN, S. (orgs). **Infância e práticas educativas**. Maringá, EDUEM.

CAMPANHOLA, S.; SILVA, G. (2002). **O lazer e o novo rural**. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. SOBER, Passo Fundo pp. 1-14.

CÁNOVES, G. et al. (2004). Rural tourism in Spain: an analysis of recent evolution. **Geoforum**, 35(6):755-769. Disponível em:www.sciencedirect.com. Acedido em: 25 de janeiro de 2012.

CAVACO, C. (1995) Rural Tourism: The Creation of New Tourist Spaces. In A. Moutanari and A. Williams (eds.) **European Tourism: Regions, Spaces and Restructuring**. Chichester: John Wiley.

COLLINS, D. & TISDELL, C., (2002) Gender and Differences in Travel Life Cycles. **Journal of Travel Research** 41; 133. Disponível em: [www.jtr.sagepub.com](http://www.jtr.sagepub.com). Acedido em: 12 de novembro de 2011.

COSTA, M. (2006). **Turismo Sustentável nas Margens do Tejo: Estudo de Aptidão Apoiado por um Sistema de Informação Geográfica**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade de Lisboa.

CRUZ, L. (2007). **Turismo como estratégia integradora dos recursos locais: o caso da NUT III Minho-Lima**. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga. XXXVIII (168), 687-714.

CUNHA, L. (2006). **Economia e Política do Turismo**. Lisboa, Editorial Verbo.

DECRETO-LEI nº 54/2002. Diário da República. 1.<sup>a</sup> Série, N.º 48. Disponível em: [www.dre.pt](http://www.dre.pt). Acedido em: 11 de março de 2010.

DUTRA, V., SENNA, M. & FERREIRA, M. (2008). Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins. **Caderno Virtual de Turismo**, vol 8, Nº 1, pp. 104-117. Disponível em: [www.ivt-rj.net](http://www.ivt-rj.net). Acedido em 06 de novembro de 2011.

EAGLY, A. (1987). **Sex differences in social behavior: A social-role interpretation**. Hillsdale, NJ, Erlbaum.

FIGUEIREDO, E. (2003). **Um rural para viver, outro para visitar: o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais**. Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro.

GROSSI, M. (2010). **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, p. 1-18.

IESE - Instituto de Estudos de Sociologia e Economia, (2008). **Estudo de Caracterização do Turismo em Espaço Rural do Turismo de Natureza de Portugal**. Estudo promovido pela Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural.

KELLY, J. & HARTLYN, R. (2006). Diferenças de gênero na República Dominicana, 1994-2004: dois passos à frente, um passo para trás? **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 2, p. 241-276.

LOURO, G. (1997). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 7ª edição, Vozes, Petrópolis.

MANIERE, G., (2008). **Perfil dos Praticantes de Caminhadas Ecológicas: um estudo exploratório-descritivo**. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MEAD, M., (2009). **Sexo e Temperamento**. Tradução de Rosa Krausz, Perspectiva, São Paulo.

MENG, F. & UYSAL, M. (2008). Effects of Gender Differences on Perceptions of Destination Attributes, Motivations, and Travel Values: An Examination of a Nature-Based Resort Destination. **Journal of Sustainable Tourism**, Vol. 16, Nº. 4, p. 445- 466.

MESQUITA, A. (2010). **O Turismo em Espaço Rural na Região de Trás-os-Montes: uma contribuição para o estudo da oferta e dos promotores**. Trabalho apresentado no IV Congresso de Estudos Rurais: múltiplos olhares, múltiplos futuros, Aveiro, 4 a 6 de fevereiro de 2010.

OXINALDE, Miguel del. R. (1994). **Ecoturismo: nuevas formas de turismo en el espacio rural**, Bosch Casa Editorial, Barcelona.

PERROT, M. (2007). **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Corrêa, Contexto, São Paulo.

POESCHL, G.; MÚRIAS, C. & COSTA, E. (2004). Desigualdades sociais e representações das diferenças entre os sexos. **Análise Social**, vol. XXXIX (171), pp 365-387. Disponível em: [www.observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt](http://www.observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt). Acedido em: 21 de janeiro de 2012.

ROSALDO, M. (1974). **Women, Culture, and Society**. In Lamphere, Louise and Michelle Zimbalist Rosaldo, editors. Stanford University Press. Stanford, California.

RYAN, M.; HENLEY, N. & SOUTAR, G. (1998). **Gender differences in tourism destination choice: Implications for tourism marketers**. Australian and New Zealand Marketing Conference, Dunedin, New Zealand. Edith Cowan University Research Online. Disponível em: [www.ro.ecu.edu.au](http://www.ro.ecu.edu.au). Acedido em: 11 de março de 2012.

SANTOS, C. & CAMPOS, A. (2009). **Planejamento do Turismo em Espaços Rurais**. VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo- ANPTUR, 10 e 11 de setembro, São Paulo.

SHARPLEY, R., SHARPLEY, J. (1997). **Rural tourism, an introduction**. London, International Thomson Business Press.

SILVA, G. VILARINHO, J. & DALE, C. (1998). Turismo em Áreas Rurais: Suas Possibilidades e Limitações no Brasil. In: Almeida J. A; Riedi M.; Froehlich J. M. (orgs). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Centro Gráfico, Santa Maria (RS), pp. 11-47.

SILVA, L. (2007). A procura do Turismo em Espaço Rural. **Revista Etnográfica do Centro de Estudos de Antropologia Social**: 141-163.

TAQUETTE, S.; VILHENA, M. & PAULA, M. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Caderno de Saúde Pública**, v. 20 n. 1 Rio de Janeiro, jan./fev. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acedido em 12 de março de 2011.

VAREIRO, L. (2007). **Turismo como estratégia integradora dos recursos local**: o caso da NUT III Minho-Lima. Tese de Doutoramento apresentada a Universidade do Minho, Braga, XXXVIII (168), 687-714.

VIEIRA, V. VILLANO, B. & TUBINO, M. (2003). Impacto Ambiental nas Competições de Trekking de Regularidade segundo os seus Praticantes. **The FIEP Bulletin**, v. 73, n. Special, p. 308-311.

**Cronologia do Processo Editorial**

Recebido em: 24. abr. 2013

Aprovação Final: 15. maio. 2014

**Referência (NBR 6023/2002)**

PIMENTA, Helane Fernandes. Diferenças de gênero na prática das atividades de lazer no turismo em espaço rural (ter) na sub-região do Minho Lima, Portugal. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3, n. 1, p. 124-153, jan./jun. 2014.